

Fica o que significa: história e memória de Telêmaco Borba (PR) e a produção de sentidos a partir do jornal O Tibagi

What signifies is what stays: Telêmaco Borba's history and memory and the meaning production from O Tibagi newspaper

Ana Flávia Braun Vieira¹
ana.braun@yahoo.com.br

Miguel Archanjo de Freitas Junior²
mfreitasjr@uepg.br

RESUMO

O presente trabalho objetiva investigar se as narrativas disseminadas pelo jornal *O Tibagi* (publicado em Monte Alegre, atual município de Telêmaco Borba – PR) produziram efeitos de sentido em relação à compreensão do histórico da localidade. Para tanto, foi realizada a análise de conteúdo temática nas edições especiais de aniversário do semanário entre os anos de 1948 e 1964 sob dois índices: autorreferência e heterorreferência, observando as estratégias utilizadas na produção emitida pelo periódico. Paralelamente, por meio da metodologia da História Oral, foram realizadas entrevistas com sujeitos que vivenciaram o contexto de publicação dos discursos de *O Tibagi* e, por meio de suas lembranças, foi possível observar a fragilidade em relação aos aspectos históricos relativos a Telêmaco Borba, evidenciando que a compreensão da história local se deu a partir das narrativas veiculadas no referido periódico. Acredita-se que os silêncios de *O Tibagi* para a formação de um discurso fundador tenham contribuído para tal, já que poucas foram as publicações sobre o passado anterior à chegada do empreendimento da família Klabin à localidade.

ABSTRACT

The present paper aims to investigate if the narratives disseminated by the *O Tibagi* newspaper (published in Monte Alegre, current city of Telêmaco Borba – PR) have produced meaning effects related to the locality's history. In order to do so, an analysis of thematic content was performed in the newspaper's anniversary special editions between the years of 1948 and 1964, under two levels: self-reference and other-reference, observing the strategies used in the newspaper's meaning production. On parallel, through the Oral History methodology, interviews were conducted with individuals who experienced the context in which the *O Tibagi*'s speeches were published, and, through their memories, it was possible to observe the fragility related to the historical aspects concerning Telêmaco Borba, showing that the local history's comprehension occurred from the narratives conveyed in that journal. It is believed that the silences of the *O Tibagi* contributed to the formation of a founding speech, given that there were few publications about the past previous to the time when the Klabin family's enterprise arrived in the location.

¹ Doutoranda em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e professora do Departamento de Educação da Faculdade Educacional de Arapoti. Rua das Rosas, 1, Bairro Residencial Araucária II, 84900-000, Arapoti, PR, Brasil.

² Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná e Professor do Programa Stricto Sensu de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Av. General Carlos Cavalcanti, 4748, Uvaranas, 84030-900, Ponta Grossa, PR, Brasil.

Palavras-chave: jornalismo regional, análise de conteúdo, história oral, Telêmaco Borba, jornal *O Tibagi*.

Keywords: regional journalism, content analysis, oral history, Telêmaco Borba, *O Tibagi* newspaper.

Considerações iniciais

O município de Telêmaco Borba³, no Paraná, por vezes é denominado como “Cidade da Klabin” e recebe alcunhas como “Cidade Papel” ou “Capital do Papel” (Coraiola, 2003; Fernandes, 1974). Tais designações relacionam a origem do local às atividades industriais desenvolvidas na região a partir da instalação de uma fábrica de papel e celulose, ocorrida na década de 1940, pela família Klabin. Entretanto, pesquisadores vêm se dedicando ao conhecimento de uma história anterior ao processo de industrialização, que evidencia outros sujeitos históricos nos processos de formação local, tais como indígenas, jesuítas, bandeirantes, tropeiros e sesmeiros, entre outros (Vieira, 2015; Teixeira, 2014).

Diante dessas duas possibilidades à história do referido município, questiona-se porque ainda a primeira abordagem se sobressai à segunda. Acredita-se que este fenômeno está relacionado ao periódico local e aos textos publicados em *O Tibagi*, os quais possivelmente contribuíram à organização do discurso fundador⁴ para a cidade. Esta premissa está pautada na ideia de que “os meios de comunicação visibilizam acontecimentos enquanto relegam outros à condição de esquecimento e ao fazerem isso dão aos fatos visibilizados o status de históricos por natureza” (Rêgo, 2014, p. 28).

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é analisar se as narrativas disseminadas pelo hebdomadário contribuíram na produção de sentidos em relação à compreensão do histórico da localidade. Para tanto, foram empregados os seguintes procedimentos: análise de conteúdo temática de *O Tibagi*, observando as estratégias utilizadas na produção de sentidos pelo jornal, e o

tencionamento desta com as entrevistas orais temáticas realizadas com a população que teve acesso às discursividades publicadas no semanário.

Análise de conteúdo do jornal *O Tibagi*

Na busca por visibilidade, por legitimidade perante o leitor, a imprensa intenta se aproximar de seu público por intermédio de diversas estratégias discursivas, que entre outros objetivos visam estabelecer vínculos de confiança. Entre elas é possível destacar a autorreferência e a heterorreferência (Luhmann, 2005), que são estratégias de imagem⁵ utilizadas nos discursos jornalísticos na produção de efeitos de sentido⁶ em seus leitores.

Na autorreferência, os meios de comunicação fazem alusão às próprias condições, justificando socialmente seu lugar de enunciador. Ao falar de si o periódico acaba “promovendo uma espécie de autorreconhecimento de si enquanto dispositivo jornalístico que prepara o sentido do discurso” (Fossá e Ribeiro, 2010, p. 68). Assegurando seu local de enunciação por meio da autorreferência, a heterorreferência da comunicação se dá pela utilização de temáticas diversas na construção da notícia, atingindo a interesses distintos e, portanto, cada parcela da sociedade. Neste tipo de notícia o conhecimento é organizado a partir das perspectivas de seu enunciador, apresentado como uma “cópia da realidade e é também assim que ela é enunciada e percebida” (Luhmann, 2005, p. 131).

Destarte, por mais que os meios de comunicação ocupem lugar de destaque na produção de sentidos, esta posição precisa ser constantemente assegurada. Nesse sentido, para (re)afirmar seu local enunciador são uti-

³ Telêmaco Borba (PR) só recebeu esta denominação quando de sua emancipação da Comarca de Tibagi, no ano de 1964. Até esse período ele era dividido em dois territórios: a propriedade privada da família e indústria Klabin, Fazenda Monte Alegre, e Cidade Nova, que compreendiam moradias do lado oposto a fábrica em relação ao rio Tibagi.

⁴ Este tipo de discurso “re-significa o que veio antes e instituiu aí uma memória outra” (Orlandi, 2003, p. 13), desautorizando o sentido anterior. Nesta prática, “instala-se uma outra ‘tradição’ de sentidos que produz outros sentidos neste lugar” (Orlandi, 2003, p. 13). Ao tornar-se familiar, a história passa a ser percebida enquanto evidente, que foi assim e que só poderia ser daquele jeito.

⁵ Entende-se a noção de imagem a partir das colocações de Fossá e Ribeiro (2010). Para as autoras, “o termo ‘imagem’ possui um conceito amplo, não se referindo apenas à materialidade de uma representação icônica ou indicial, mas também à imagem que construímos mentalmente e que, em grande parte, carrega um juízo de valor...” (Fossá e Ribeiro, 2010, p. 63).

⁶ “Os efeitos de sentido estão no nível das condições de recepção (ou de “reconhecimento”) do discurso” (Fossá e Ribeiro, 2010, p. 63). Em outras palavras, é possível dizer que a noção de efeitos de sentido compreende o processo que vai da construção de sentido até a sua apropriação, sendo o texto o ponto de passagem que sustenta a circulação social destes significados.

lizadas estratégias discursivas e estratégias de imagem para firmar um contrato de leitura⁷ que podem implicar sentidos no público leitor. Assim, para compreender a influência do jornal *O Tibagi* na construção do discurso fundador de Telêmaco Borba, foi realizada a análise de conteúdo temática em 16 edições especiais de aniversário, entre os anos de 1948 e 1964. Este recorte temporal estende-se da primeira edição do periódico até o ano de elevação da localidade à categoria de município.

Em relação às suas características essenciais, o jornal *O Tibagi* foi fundado por Horácio Klabin⁸ e foi um dos primeiros veículos de comunicação de massa na Fazenda – ao lado da Rádio Sociedade Monte Alegre, também de iniciativa de Horácio Klabin. No início das publicações o periódico possuía a tiragem de 500 exemplares (*O Tibagi*, 23/11/1959). Semanalmente os operários levavam para casa um exemplar. Distribuído gratuitamente às quintas-feiras aos funcionários da empresa, este também era lido pelas pessoas que moravam nos acampamentos mais distantes da sede da fábrica, montados e desmontados de acordo com a necessidade de extração de madeira. Nas cidades onde havia escritórios ou representantes da Klabin estes também eram enviados. Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Castro e Tibagi eram alguns dos destinos dos exemplares deste jornal.

As edições semanais do jornal – que, em geral, somavam entre seis e oito páginas – abordavam temas de interesse à comunidade, com destaque aos acontecimentos locais. Anualmente, por volta do dia 23 de novembro, era comemorado o aniversário do periódico com uma edição especial que podia chegar até cinquenta e duas páginas. Tal edição apresentava assuntos variados, que por diversos vieses remetia-se à rememoração do passado local.

A escolha deste periódico para análise de conteúdo temática (Bardin, 2011) possui três diferentes justificativas, que são complementares. A primeira, mais geral, está pautada na prerrogativa de que durante o processo

de organização de uma memória oficial a mídia recebe destaque (Enne, 2004). Em segundo lugar, Coraiola (2003) ao referir-se ao jornal *O Tibagi* afirmou que “[...] nos seus quase 50 anos de existência, foi o registro escrito da história local e regional, tendo guardado em suas páginas toda a cronologia dos fatos que construíram o atual perfil da Capital do Papel” (Coraiola, 2003, p. 193), o que evidencia a hipótese da organização de um discurso fundador para o local. Por último, a escolha por analisar as edições especiais de aniversário tem respaldo em Pierre Nora (1993), quando este trabalha a noção de lugar de memória e da necessidade de criar datas e aniversários para “imortalizar o mortal” (Nora, 1993, p. 22).

Tendo em vista o objetivo do presente estudo, foram realizadas leituras flutuantes no conjunto documental, que teve como intuito selecionar entre os escritos publicados no hebdomadário apenas as notícias⁹ que tratavam do contexto local, regional e suas histórias. Desta forma, emergiram 121 textos que foram analisados a partir de dois índices distintos: a autorreferência e a heterorreferência. Sendo assim, na análise da construção da autoimagem do jornal o corpus documental ficou constituído por 44 notícias que possuíam como tema principal a imagem que o periódico construía de si, para si e para os outros. Já a análise heterorreferente ou da construção da realidade se deu a partir de 77 notícias que faziam alusão ao contexto local e regional, seu surgimento, história das origens dos clubes, instituições e personalidades ilustres, para citar alguns exemplos. O indicador destes índices foi o seu aparecimento constante nas notícias publicadas nas edições especiais de aniversário.

Por se tratar de dois índices, que correspondem a dois grupos distintos de notícias – também com características textuais diferentes, duas foram as modalidades para o recorte dos textos. Para a análise da autorreferência, onde os textos são menores e corroboram à construção da autoimagem do jornal, mesmo que por diferentes

⁷ A noção de contrato de leitura empregada neste trabalho tem pressupostos teóricos em Fausto Neto (2007). Para o autor, “entende-se, aqui, por contratos de leitura, regras, estratégias e ‘políticas’ de sentidos que organizam os modos de vinculação entre as ofertas e a recepção dos discursos midiáticos e que se formalizam nas práticas textuais, como instâncias que constituem o ponto de vínculo entre produtores e usuários” (Fausto Neto, 2007, p. 10).

⁸ Horácio Klabin chegou à região de Monte Alegre em meados de 1947, assumindo o cargo de Diretor Administrativo nos negócios de sua família na Indústria Klabin de Papel e Celulose S/A. Segundo biografia organizada pelo Centro de Memória Klabin, sua chegada a Monte Alegre em 1947 “e o impacto das suas ações na região - especialmente com a construção da Cidade Nova e de tudo o que a envolveu – foram tão profundas que determinaram alterações no mapa do Estado do Paraná” (s.d., p. 1).

⁹ Nesta pesquisa o sentido conotado à notícia vai ao encontro das colocações de Sousa (2002), especialmente quando este afirma que a notícia é oriunda da relação entre “a realidade perceptível, os sentidos que permitem ao ser humano “apropriar-se” da realidade, a mente que se esforça por apreender e compreender essa realidade e as linguagens que alicerçam e traduzem esse esforço cognoscitivo” (Sousa, 2002, p. 3).

prismas, o recorte se deu por parágrafos, somado à sua unidade de contexto¹⁰, quando necessária. No caso da análise da heterorreferência, em que os textos abordam os mais diferentes assuntos sobre o local e o regional, com caráter opinativo e utilizando-se de todo um enredo para a construção de sentidos, foi selecionada para a análise a ideia central da notícia.

Em seguida, deu-se início ao procedimento metodológico que Bardin (2011) designa como a *preparação do material*, momento em que foi realizada a transcrição das notícias e sua preparação para as análises. Após tais encaminhamentos metodológicos correspondentes à *pré-análise*, seguiu-se para a decodificação, que, para Bardin (2011) corresponde a “uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos em texto, transformação esta que por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo e da sua expressão” (Bardin, 2011, p. 133).

Durante o procedimento da codificação, a partir de operações de recorte do texto, foram escolhidas as unidades de registro¹¹ que, segundo escreveu Bardin (2011), “é a unidade de significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade base, visando a categorização” (Bardin, 2011, p. 134). O critério para sua escolha pode ser de ordem semântica e neste trabalho o tema foi escolhido como recorte para a unidade de significação. Desse modo, procurou-se analisar os núcleos de sentido dos conjuntos documentais.

Após a codificação, deu-se início à categorização, o terceiro polo cronológico da análise. Este momento consiste em “uma operação de classificação dos elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos” (Bardin, 2011, p.

147). Segundo Fonseca Junior (2008), a categorização “consiste no trabalho de classificação e reagrupamento das unidades de registro em número reduzido de categorias, com o objetivo de tornar inteligível a massa de dados e sua diversidade (Fonseca Junior, 2008, p. 298). A partir da categorização, iniciou-se a última etapa da análise: a inferência. Inferência nas palavras de Namenwirth, citado por Bardin (2011), “não passa de um termo elegante, efeito de moda, para designar indução, a partir de fatos” (Bardin, 2011, p. 168). Ou seja, com a categorização torna-se mais fácil visualizar o conteúdo dos documentos e à luz do referencial teórico inferir a respeito.

A autorreferência e a heterorreferência no jornal *O Tibagi*¹²

Na construção da imagem de si, para assegurar seu local de enunciador da realidade monte-alegrense, o jornal *O Tibagi* se valeu de diferentes estratégias discursivas que contribuíram para a organização dos próprios padrões de legitimidade pelos quais seriam lidos¹³. As temáticas autorreferentes abordadas pelo semanário relacionam-se entre si e formaram sentidos na percepção do periódico enquanto “uma tradição entre os montealegrenses” e “indispensável nos lares de nossa Cidade” (*O Tibagi*, 1948a, p. 1).

Em uma rápida descrição das categorias emergentes na análise autorreferente, é possível observar que o jornal *O Tibagi* fez-se reconhecido ao dizer-se reconhecido: o já consagrado hebdomadário, “foi recebido com agrado pelos montealegrenses, que procuram, desde logo, cooperar nessa obra louvável” (Marenda, 1949, p.

¹⁰ A unidade de contexto contribui na compreensão para a codificação da unidade de registro. Laurence Bardin escreveu que a unidade de contexto em uma análise de conteúdo temática pode ser o parágrafo, mas que, em muitos casos, faz-se imprescindível a referência ao contexto próximo ou até mesmo afastado na unidade registrada (Bardin, 2011, p. 137).

¹¹ Em relação à análise de conteúdo autorreferente do jornal *O Tibagi*, emergiram 12 principais temas – em geral, os mais recorrentes – como unidade de registro. São eles: amor à profissão, dificuldades enfrentadas pelo jornal, discurso competente, gratidão à Horácio Klabin, importância da imprensa, independência política, invenção de tradições, orientação/função do periódico, práticas de caridade, profissionalização no meio jornalístico, realidade da construção e reconhecimento do semanário. Já na análise de conteúdo heterorreferente sobre o local e o regional no jornal *O Tibagi*, emergiram dez principais temas – em geral, os mais recorrentes – como unidades de registro. São eles: autovalorização; Cidade Nova e seu desenvolvimento; contribuição para o desenvolvimento regional e nacional; desenvolvimento da indústria; feitos da Klabin; gratidão à Horácio Klabin; menções à cidade de Tibagi; passado anterior à chegada dos industriais à região; personalidades ilustres; progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre; relacionamento e vivência em Monte Alegre.

¹² A análise completa está disponível em Vieira (2015).

¹³ Isto ocorre porque “a própria linguagem fabrica seus indicadores de realidade” (Luhmann, 2005, p. 146). Em outras palavras é possível dizer que “os processos que engendram a noticiabilidade e suas práticas, se estruturam segundo regras definidas por parâmetros de autorreferências do próprio sistema de produção discursiva” (Fausto Neto, 2006, p. 11).

1), pois conquistou a simpatia e a gratidão (Souza Filho, 1950, p. 15), “não somente destes, mas de todos os seus inúmeros leitores, espalhados pelo Paraná inteiro” (*O Tibagi*, 1950, p. 1). Neste sentido, presença de escritos de intelectuais e escritores renomados¹⁴ contribuiu para o discurso competente do semanário.

Entre as estratégias de imagem utilizadas por *O Tibagi*, é possível destacar a enunciação das dificuldades enfrentadas no fazer jornalístico que era realizado por amor¹⁵. A prática jornalística, desempenhada de boa vontade (Fernandes, 1960, p. 2), entretanto laboriosa¹⁶ e parcamente remunerada, conota sentidos aos leitores, que poderiam dar maior credibilidade às informações escritas por aqueles que se dedicam “diante da máquina de escrever, durante horas e horas, preparando material para mais uma edição” (Fernandes, 1964, p. 2). Tais narrativas contribuíam também para a realidade da construção, ou seja, eram expostos os mecanismos internos de funcionamento da imprensa, visibilizando o próprio fazer da notícia.

A tentativa de criar familiaridade em relação ao processo de produção influenciava os leitores à ilusão de conhecimento sobre a realidade da construção jornalística, como se experienciassem por si mesmos o processo de confecção do semanário¹⁷. Tal sensação colaborava para que as notícias não fossem entendidas como representações, mas como aquilo que de fato teria ocorrido. Neste sentido, destacavam a importância da imprensa enquanto mediadores locais¹⁸, “pois o jornal dá coesão, direção, ele agita, prevê necessidades, articula a luta ao lado dos que precisam. Traz ao lar o rumor das ruas: estabelece e preserva os padrões de moral pública. O jornal é o médico, o padre confessor e o advogado da comunidade” (Souza Filho, 1950, p. 15).

A referência ao diretor-fundador do jornal era frequente, afinal a existência do periódico se deu “graças

ao esforço de um espírito progressista e amante das boas causas” (Marenda, 1951, p. 1). Felicitavam a iniciativa de Horácio Klabin, “que, com a criação de “O Tibagi”, objetivava o ideal sublime de elevar o grau cultural de nossa gente” (Marenda, 1949, p. 1). Outras ações dignas de gratidão ao Diretor-Administrativo da Klabin foram a inauguração da Rádio Sociedade Monte Alegre e o Loteamento Cidade Nova.

A gratidão devotada a Horácio Klabin, construída discursivamente por seu jornal, é presente ainda hoje na fala de quem viveu o cotidiano de Monte Alegre, da Cidade Nova e tinha acesso ao periódico:

O jornal O Tibagi, como a Rádio Sociedade Monte Alegre, nasceu da ideia brilhante de um cara apaixonado por Monte Alegre e por tudo que acontecia aqui, Doutor Horácio Klabin. Ele, então, fundou o jornal O Tibagi para dar oportunidade da população tomar conhecimento de tudo que acontecia nos bastidores da his... Da administração da cidade e da empresa. A rádio também foi montada exatamente com a finalidade de trazer entretenimento, música e shows e outras coisas mais pra prender a atenção e oferecer ao povo de Monte Alegre algo de diferente, que em outras cidades existia e ele queria que Telê... Monte Alegre também tivesse. Então, graças ao Doutor Horácio Klabin nós tivemos o jornal O Tibagi e também a “Rádio Sociedade Monte Alegre” (Entrevista 03).

O reconhecimento aos feitos de Horácio Klabin também aparece mesmo nos textos que tratavam dos mais variados temas heterorreferentes. A título de exemplo é possível citar os festejos de 15 de novembro de 1949,

¹⁴ A título de exemplo, eram frequentes publicações de Helena Kolody e Rodrigo Junior. Destacam-se também os artigos e trabalhos dos escritores da Academia Paranaense de Letras, da Academia de Letras José de Alencar, do Centro de Letras do Paraná, da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras, da Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno e do Centro Euclides da Cunha.

¹⁵ O jornal não contava, até a década de 1960, com jornalistas profissionais, era apenas “fruto do entusiasmo de uma equipe heterogênea, dum senhor e indústria idealista, dum médico polonês, duma professora brasileira, dum advogado poeta, duns jornalistas amadores de coração” (*O Tibagi*, 1959, p. 2).

¹⁶ “Vai o número 16 para o alto de nossas páginas. É tão pequeno e significa tanto! Dezesesseis anos de luta, de persistência, de crises e de vitórias, de muito trabalho e nenhum ganho” (Fernandes, 1964, p. 2).

¹⁷ Para Sgorla e Fossá (2008), essas operações autorreferenciais “buscam demonstrar certos esforços da equipe de reportagem para produzir a matéria jornalística, apresentando limites e entraves no caminho, justificando as possibilidades de equívocos buscando promover um efeito de sentido de realidade” (Sgorla e Fossá, 2008, p. 8).

¹⁸ No ano de 1950 *O Tibagi* publicou: “enquanto todos os órgãos da imprensa trabalham indiretamente para o bem da população, ‘O Tibagi’ terá ação ‘direta’, e isto pelo fato de que sua renda líquida será totalmente usada para a melhoria das condições de vida em Monte Alegre”. E finaliza incentivando a compra e leitura do jornal, dizendo: “pela simples aquisição d’um exemplar o leitor estará prestando um serviço anônimo de filantropia, serviço este que reverterá em seu próprio benefício” (*O Tibagi*, 1948b, p. 1).

quando Cacildo Batista de Arpelau¹⁹ discursou “falando em nome de todos [...], ressaltando as qualidades do homenageado como chefe exemplar e como amigo do povo de Monte Alegre” (*O Tibagi*, 1949, p. 8).

As narrativas de heterorreferência tratavam: de enaltecer o lugar e a empresa; do desenvolvimento da Cidade Nova, conotando seu surgimento à Horácio Klabin, que por este e outros motivos seria digno da gratidão da população; da contribuição da Klabin ao incremento do Estado e da nação; do desenvolvimento industrial local, visando atrair trabalhadores e investidores; da benevolência da Klabin com seus feitos assistencialistas em relação aos seus empregados; da constante presença de personalidades ilustres no local, conotando prestígio à Monte Alegre; da modulação de comportamentos, bem como o relacionamento entre patrões e empregados da partir de suas narrativas.

Ao mesmo tempo, o passado anterior à chegada dos industriais à região foi apresentado de maneira pitoresca e peculiar, sem filiação. As menções feitas à cidade de Tibagi não apresentavam um sentimento claro de pertencimento, antes demonstram um contraste entre “nós” e “eles”: a modernidade da Fazenda Monte Alegre em contraste com a vida em Tibagi (*O Tibagi*, 1957, p. 16). Os títulos das notícias, seguidas de breves explicações, exemplificam: “Pedro Pinheiro – Um Herói”, apresenta a história de um garimpeiro destemido que salvou inúmeras vidas e já retirou das águas do rio Tibagi quase duas dezenas de cadáveres; “História do primeiro diamante encontrado no Tibagi”, que discorre romanticamente o ocorrido; “O Monge de Tibagi”, trata da figura de um monge que vivia nu e da religiosidade popular na região; e “Curiosidades da terra do diamante”, que conta de maneira heroica a história do primeiro morador do local onde hoje está situada a cidade de Tibagi.

Acredita-se que tais discursos atingiram os leitores de *O Tibagi*, contribuindo à formação de sentidos sobre o local e o regional. Neste sentido, a realização de entrevistas orais possibilita perceber se, com efeito, as estratégias adotadas pelo jornal foram eficientes, contribuindo para a percepção histórica da população na direção de seu enunciador.

Memória de idosos sobre *O Tibagi* e a história local

De acordo com Bosi (1994), a sociedade entende que a função social dos idosos é lembrar, uma vez que,

com o passar dos anos, esses sujeitos vão perdendo sua força produtiva de trabalho. E por mais que a sociedade os relegue à posição de rememoradores, a estrutura social na qual esses sujeitos estão inseridos tem funcionado como opressora da velhice e, por vezes, destrói os próprios suportes materiais da memória. Além disso, a memória oficial – que vem sendo organizada ao longo de suas existências – pode se interpor às suas experiências. Para Bosi (1994), “as lembranças pessoais e grupais são invadidas por outra ‘história’, por uma outra memória que rouba das primeiras o sentido, a transparência e a verdade” (Bosi, 1994, p. 19). Por fim, há ainda como interferência no ato de rememoração dos idosos a valorização da palavra escrita, em detrimento da tradição oral.

Apesar destes processos que potencializam o afastamento dos idosos da sociedade e que, muitas vezes, emudecem sua voz em relação a tempos idos, a memória desses agentes – bem como de todos os demais seres humanos – é um contínuo construir, no qual permanece aquilo que possui significação: “o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e como lembra, faz com que fique o que signifique” (Bosi, 1994, p. 31). E tratando-se de memória coletiva, as memórias pessoais aqui trabalhadas serão entendidas como representativas de memórias sociais, familiares e grupais, partindo do pressuposto de que os colaboradores quando estiverem falando de si, também darão indícios para inferências sobre o coletivo.

O conceito de memória coletiva foi desenvolvido por Maurice Halbwachs, que passou a entendê-la como um fenômeno social, destacando as instituições formadoras do sujeito: “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio de referência peculiares a este indivíduo” (Halbwachs in Bosi, 1994, p. 54).

Halbwachs também se dedicou à análise do processo de reorganização da memória, ou seja, examinou o modo pelo qual a *reconstrução do passado* vai se formando. Entendendo o passado enquanto uma reconstrução, uma lembrança nunca será a mesma lembrança. O processo de rememoração transita entre diferentes tempos históricos (passado – presente – futuro), por isso se modifica constantemente, sempre iluminado à luz do presente. Não se revive uma lembrança, ela é refeita, reconstruída, individual e coletivamente.

¹⁹ Chefe da Seção do Pessoal das I.K.P.C, subdelegado de Polícia em Monte Alegre e subdiretor do jornal *O Tibagi*.

Se é, em especial, a partir do presente que se organiza o processo de rememoração, a existência em Telêmaco Borba de ruas, praças e instituições que recebem nomes como Avenida Horácio Klabin, Praça Horácio Klabin, Colégio Estadual Wolff Klabin, Praça Luba Klabin e Avenida Samuel Klabin podem reforçar algumas noções relativas ao desenvolvimento local, incorrendo na possibilidade de serem disseminadas por meio da memória herdada.

As fronteiras entre as memórias que parecem exclusivas de um indivíduo e as do grupo a que pertencem são tênues. Em certos casos, chamados por Michael Pollak (1992) de memória herdada, é impossível distinguir se a memória é constituída por experiências pessoais do sujeito que rememora ou foi assimilada de experiências vividas pelo grupo com o qual se identifica. Para contribuir na compreensão é possível utilizar o exemplo de uma criança. Seus primeiros anos dificilmente serão lembrados em sua maturidade. Entretanto, se sua família lhe contar como determinado episódio ocorreu, a narrativa sobre este acontecimento pode ser assimilada de um modo que a certa altura será impossível distinguir se aquela lembrança é exclusivamente sua ou herdada. Para entender essa “herança”, os sentidos que emanaram da análise de *O Tibagi* foram problematizados a partir de entrevistas orais realizadas com a população que teve acesso às discursividades publicadas no jornal.

A produção das fontes para este trabalho teve pressupostos em Verena Alberti (2010 e 2012) e foram realizadas por meio de entrevistas²⁰ com sujeitos que tiveram acesso ao periódico direta ou indiretamente. Isto significa que as pessoas entrevistadas moraram na localidade entre os anos de 1948 a 1964. Pelo distanciamento do recorte

temporal, houve dificuldade em encontrar colaboradores. Entretanto, este aspecto não foi impedimento para a realização desta pesquisa, uma vez que, segundo Alberti (2010), não existe um número predeterminado para o desenvolvimento de pesquisas em História Oral. Assim, a partir da cooperação dos próprios entrevistados, cinco foram os idosos convidados a participar desta pesquisa²¹.

Optou-se pela entrevista temática visando os objetivos deste trabalho: considera-se importante saber sobre a vida desses sujeitos em relação à sua compreensão das narrativas disseminadas por *O Tibagi*. Assim, as entrevistas orais temáticas foram organizadas a partir da estrutura apresentada na Tabela 2.

Após a constituição das fontes orais, sua análise se deu a partir dos escritos de Orlandi (2003). Para esta autora, os discursos fundadores funcionam como enunciados que são capazes de inventar um passado inquestionável, dando a sensação de pertencimento a uma história conhecida e produzindo efeitos de sentido no dia-a-dia. Sendo assim, importa aqui apreender a versão que ficou do que fora dito e não, necessariamente, o que e como foi dito. Se fica o que significa, intenta-se aqui compreender a influência do jornal *O Tibagi* na produção de sentidos à população sobre a história local.

O primeiro eixo temático da entrevista tratou de questões biográficas, como data e local de nascimento, escolaridade, carreira profissional, etc. Esse primeiro tema trabalhado contribuiu para inferir a respeito da visão de mundo dos colaboradores, visto que a trajetória pessoal pode alterar o relato. A este respeito é importante destacar que os cinco participantes tiveram suas histórias marcadas economicamente pela Indústria Klabin. Seu Pedro trabalhou até se aposentar na Organização Montealegreense

Tabela 1. Entrevistas orais realizadas (abril, 2014).

Table 1. Oral interviews (April, 2014).

Pseudônimo	Sexo	Idade	Citação
Seu Pedro	M	76	Entrevista 01
Seu João	M	78	Entrevista 02
Seu Mario	M	79	Entrevista 03
Dona Júlia	F	73	Entrevista 04
Dona Fátima	F	79	Entrevista 05

²⁰ Entrevistas concedidas a Ana Flávia Braun Vieira, nos dias 17 e 23 de abril de 2014. A real identidade dos colaboradores foi salvaguardada mediante adoção de pseudônimos.

²¹ O número de entrevistados tem relação com o fenômeno de exaustão.

Tabela 2. Roteiro para entrevista oral (abril, 2014).

Table 2. Roadmap for oral interview (April, 2014).

Estímulo à rememoração	
01	Trajatória de vida
02	Motivos que os levaram – ou suas famílias – à Monte Alegre
03	A história de Telêmaco Borba antes do processo de industrialização e o meio de informação
04	O papel do jornal <i>O Tibagi</i> para a população monte-alegrense
05	Publicações de <i>O Tibagi</i> com ênfase à história local

de Saúde – fundada pela Klabin; Seu João foi operário na fabricação de cloro na indústria até se aposentar; Seu Mário trabalhou no jornal *O Tibagi*; Dona Júlia era do lar e o sustento de sua família era oriundo do emprego de seu marido na fábrica; e a Dona Fátima era professora das escolas que foram, inicialmente, coordenadas pelos industriais. Acredita-se haver reconhecimento aos feitos da Klabin por esta ter promovido – se não diretamente, por meio de familiares – o sustento e a aposentadoria dos sujeitos entrevistados.

As circunstâncias de chegada de todos os entrevistados à Monte Alegre também se encontram relacionadas à indústria e poderiam ser resumidas como a oportunidade de trabalho. Trazido pelos pais ou incentivados por parentes já empregados na fábrica, os motivos pelos quais estes colaboradores chegaram à Monte Alegre estão diretamente relacionados à procura de mão de obra pela Klabin.

Em relação ao passado anterior à chegada dos industriais à localidade e os meios pelos quais tiveram acesso a esta informação, desta questão emergiram três subcategorias:

A primeira diz respeito à história local relacionada à sua própria vivência, como elucida a reminiscência de Seu João: “o que eu sei sobre a história daqui é que quando nós chegamos aqui pertencia à Comarca de Tibagi. E eu... Muitas vezes tive que... Pra... Pra arrumar documento assim tive que ir pra Tibagi” (Entrevista 02). Outro exemplo de organização da história local a partir de uma percepção concreta pode ser destacado do depoimento de Dona Júlia: “tinha só um carreiro, nem num era rua assim, sabe? Era um carreiro que dava lá no bonde lá e o resto matagal mesmo. Pra ver... Quem vê agora pra ver como está...” (Entrevista 04). Por meio destas narrativas é possível perceber que o início de Telêmaco Borba pode

não teve hora, nem data certa. A história inicia-se a partir da experiência do colaborador no local. A construção da memória sobre a história local se fez a partir do vivido e do sentido.

A segunda subcategoria refere-se à história local a partir da literatura. Quando Dona Fátima foi indagada a respeito dos seus conhecimentos sobre a história de Telêmaco Borba, a certa altura de seu relato, afirmou: “É uma pena porque eu tinha um livro²². A gente empresta as coisas pros outros e não me devolveram. Esse livro tinha alguma coisa sobre o passado de antes dos Klabin, né?” (Entrevista 05). Assim como a professora aposentada, Seu Pedro também fez referência aos livros para falar do passado de Telêmaco Borba:

[...] eu sei muito pouco sobre a história antes dos Klabin. [...] Eu conheço a história através de livros. Tem livros como o da Dona Hellê, que ela escreveu, e tem o livro também... Eu até tenho esses livros, o do Ribas de Carvalho, que escreveu do começo, do André Coraiola... (Entrevista 01).

Esses dois rememoradores fazem referência à literatura, sem, no entanto, realizar efetiva menção aos episódios contidos nos textos sobre o passado local. Apenas o Seu Mário discorreu sobre este aspecto:

Fala-se, inclusive, que ali em Harmonia [região onde se localiza a fábrica de papel dentro do vasto território da Fazenda Monte Alegre], onde é o Hotel Ikapê, né? Ali houve uma batalha sangrenta entre índios e forças do governo. Mas o que eu tenho conhecimento desses troços bem antigos é esta parte. Ali é a região que foi conhecida como...

²² Pelo contexto da conversa Dona Fátima parecia estar se referindo ao livro escrito por Hellê Vellozo Fernandes, *Monte Alegre, Cidade Papel*, publicado em 1974.

O pico da mortandade. Mas é uma história que poucos sabem, poucos contam os detalhes. [...] Hellê Fernandes! Ela escreveu um livro, “História de Monte Alegre”. Um espetáculo! Narrando tudo que aconteceu em Monte Alegre. [...] Então, ela, inclusive, narrou esse pedacinho do pico da mortandade (Entrevista 03).

A referência ao livro de Hellê Vellozo Fernandes (1974) quando indagados sobre o passado anterior à Klabin, seguida pelo desconhecimento e/ou esquecimento dos episódios por parte dos entrevistados pode estar relacionada com a própria estrutura da obra: de suas 236 páginas, apenas 13 são dedicadas à “aventura pré-Klabin”, como a autora intitulou o capítulo. Nestas páginas há menções aos bandeirantes; a existência de indígenas “cerca de mais ou menos oitenta quilômetros de Monte Alegre” (Fernandes, 1974, p. 13) em reduções jesuíticas; aos tropeiros que contribuíram na organização de vilas pelos caminhos onde faziam suas invernadas; e aos sesmeiros – com destaque especial para José Felix da Silva²³. Brevemente chega ao processo de aquisição de terras pela família Klabin, com o intuito de construir e organizar uma fábrica e um núcleo fabril na região de Monte Alegre do Tibagi. Acredita-se que esta obra, por ser até os dias atuais utilizada com frequência quando se trata da história de Telêmaco Borba, possa ter colaborado na formação de uma memória fragilizada em relação ao período anterior à chegada da Klabin à região. Vale ressaltar que Hellê Vellozo Fernandes foi redatora social do jornal *O Tibagi* durante todo o recorte desta pesquisa.

A terceira subcategoria diz respeito a uma história naturalizada. Com exceção de Dona Fátima, cujos conhecimentos sobre o passado local foram aprendidos na escola, os depoimentos dos demais colaboradores evidenciaram a sensação de que a história por eles contada sobre Telêmaco sempre tivesse existido, mas sem saber ao certo os comos e porquês. Neste aspecto, torna-se oportuno tencionar as discussões já realizadas no início deste estudo relativas à organização de um discurso fundador, que funcionam como enunciados, “que vão nos inventando um passado inequívoco e empurrando um futuro pela frente e que nos dão a sensação de estarmos dentro de uma história de um mundo conhecido...” (Orlandi, 2003,

p. 12). Para exemplificar faz-se necessária a transcrição do relato de Seu Mário:

A chegada dos industriais se deu em 1938, quando o Getúlio Vargas começou a sentir que havia problemas de papel jornal, que eram importados. Resolveu dar incentivo aos Klabins, que já tinham indústria em São Paulo, e... Ofereceu a oportunidade de ter uma indústria de papel aqui nesta região, que era tudo... Toda essa região pertencia à União e ao Estado do Paraná. Foi feito então o contato. Os homens do Getúlio Vargas fizeram contato com o... Manoel facão que eles falam, Manoel Ribas, e foi feito um trato de que parte da área do Estado seria doado para a Indústria Klabin. E a parte da... E a parte da Federal o Getúlio Vargas daria para as indústrias para que eles montassem a fábrica de papel. Por que fábrica de papel? Porque aqui era a maior região de disponibilidade de araucária, que era madeira nobre para ter as fibras necessárias para fazer papel jornal (Entrevista 03).

Mesmo destacando um período distinto, a rememoração de Seu Pedro segue no mesmo sentido:

[...] segundo a gente conhece a história, essa parte de Cidade Nova pertencia a um dos membros da Klabin, que era o Horácio Klabin, sócio também da empresa. Aí, parece que repartiram: Horácio Klabin ficou com a parte de Cidade Nova e aí começou a cidade. Os moradores de Harmonia, de Monte Alegre, que eram funcionários da Klabin. Como tava crescendo muito o número de funcionários, entenderam que precisava diminuir um pouco a população lá. Então começaram a vender lotes aqui, o Horácio Klabin vendia os lotes, e a Klabin dava o material: casas pra desmontar e montar aqui. E aí foi crescendo Cidade Nova e o tempo desenvolvendo naturalmente como foi, se criou a mentalidade de que deveria se tornar município. E foi quando começou a luta aqui pelo município (Entrevista 01).

²³ A história do coronel José Félix da Silva foi escrita por August de Saint-Hilaire, no livro *Viagem ao Interior do Brasil em 1820*, e, mais tarde, romanceada por David Carneiro, em *O Drama da Fazenda Fortaleza*, escrito em 1941. Uma das histórias peculiares narradas pelo periódico de Horácio Klabin quando da referência ao passado anterior à chegada dos industriais, porém sem filiação, é a briga de José Félix e seu compadre Machadinho – que mais tarde veio a tomar posse das terras que dariam origem à cidade de Tibagi.

Nos trechos acima destacados pode-se observar uma organização discursiva impessoal. Os colaboradores não se fazem presentes em sua fala, nem nominam outrem como portador deste discurso. Enquanto rememoram apresentam uma história parada no tempo, como se sempre tivesse sido daquela maneira. E justamente por este processo de naturalização quase não se indaga de onde ela veio ou quem a contou. Para Orlandi (2003), quando uma discursividade adquire a conotação de familiar, acaba se tornando a própria história.

Por fim, quando os colaboradores foram indagados sobre o papel do jornal *O Tibagi* na localidade, a importância conotada ao periódico foi unânime. Para Dona Fátima,

Você sabia de muita coisa através do jornal O Tibagi, né? Tanto daqui quanto de fora assim. Tudo que pertence aqui, ao Campos Gerais, né? Em Ponta Grossa... Então, a gente sabia das notícias através d'O Tibagi. E tudo que acontecia aqui também eles iam fazendo... Vamos dizer... O asfalto. Tiravam fotografia e colocavam n'O Tibagi. Esse Tibagi... Esse jornal ia pra fora, né? Muita gente acompanhou aqui e vinham também pra cá por causa do jornal O Tibagi. Ficavam vendo as notícias, o que que tava acontecendo aqui e aí começou de vim vir gente pra trabalhar na Klabin, né? [...] O jornal, ele tem... é, vamos dizer assim... Um valor muito grande, né? [...] É muito importante e o jornal O Tibagi foi pra nós, naquela época, foi muito importante. Muito mesmo. A gente sabia tudo, né? Porque aqui nós tava isolado, né? Bem dizer, né? Aquela época não tinha televisão... né? Nem internet, era só radinho, né? Aí que veio até depois a "Radio Monte Alegre" e tudo, que era do Doutor Horácio, né? A gente sabia todas as coisas (Entrevista 05).

De acordo com o relato é possível observar a questão do isolamento enquanto um incentivo para a leitura do periódico, o que contribui para maior adesão às narrativas de *O Tibagi*, diante à impossibilidade de acesso a outros meios de informação. Ademais, em sua rememoração – tal

como Seu Pedro – também foi possível perceber o jornal *O Tibagi* enquanto um propagador dos feitos realizados em Monte Alegre, o que permite inferir acerca de uma publicidade voltada à obtenção de mão-de-obra e investimentos para a indústria. A importância conotada ao periódico também se relacionava à falta de atividades a serem desenvolvidas no interior da Fazenda Monte Alegre: “as pessoas, entre outros motivos, liam o jornal porque não tinha outra coisa pra fazer” (Entrevista 03), além disso, “era distribuído de graça e eu pegava” (Entrevista 02).

Quando indagados acerca dos conteúdos publicados no jornal, com ênfase à história local, os colaboradores leitores do periódico alegaram não lembrar de matérias publicadas em *O Tibagi* que tratassem especificamente da história de Monte Alegre – informação que corrobora as análises de conteúdo realizadas nas edições de aniversário do hebdomadário. Esta ausência de memória não tem relação com a idade dos colaboradores deste trabalho, mas está relacionada aos “esquecimentos” do semanário²⁴.

A realização destas entrevistas permitiu compreender a percepção histórica daqueles que vivenciaram os primeiros anos da Fazenda Monte Alegre. Para os colaboradores, a história local é percebida sob uma perspectiva industrializante, na qual o passado anterior ao advento da indústria na “Região do Alegre” é apenas uma curiosidade a mais, sem sentimento de filiação. Tal percepção tem relação com a biografia dos sujeitos entrevistados, relacionada à Klabin, que influenciou no processo que ao longo do tempo foi associando o lugar à indústria. Em tal processo a literatura também foi atuante, especialmente com a publicação de “Monte Alegre - Cidade Papel”, de Hellê Vellozo Fernandes, redatora-social do jornal *O Tibagi*, periódico que - com destaque ainda maior por sua abrangência e circulação cultural - tributou sentidos sobre o pertencimento local e regional.

Considerações finais

Com as análises realizadas foi possível identificar certas similaridades entre as considerações analíticas oriundas de *O Tibagi* e as falas dos colaboradores. Entre estas destaca-se o sentimento de gratidão aos feitos de

²⁴ Orlandi (2012), pautada nos escritos de Pêcheux (1975), apresenta dois tipos de esquecimento: o ideológico e o enunciativo. O primeiro trata de uma forma de esquecimento, muitas vezes inconsciente, e passa a compor o sentido a partir do modo pelo qual o sujeito é afetado pela ideologia. O segundo tipo de esquecimento, o enunciativo, faz com que os sujeitos, ao falarem, o façam de determinada maneira e não de outra, ou seja, esta forma de esquecimento está significando no dizer, mesmo que o enunciador não tenha percepção disso. De certa forma, é possível entender que um esquecimento pode levar ao outro, num constante de criações discursivas que atendam aos interesses daqueles que possuem a capacidade de enunciação da realidade.

Horácio Klabin em relação à Monte Alegre e à organização de Cidade Nova. Este discurso de gratidão permite inferir que a maneira como o passado regional foi apresentado pelo jornal *O Tibagi* acabou por desqualificar os acontecimentos pertencentes à história local, colaborando à valorização da indústria ou ao reconhecimento à Horácio Klabin. Houve no lugar do resgate passado a instauração de uma história, inaugurada com a chegada do novo, do moderno ao lugar – em conformidade com os ideais da época. Neste sentido, o atributo fundador de *O Tibagi* esteve na criação de uma nova tradição, o que justifica o desconhecimento e/ou esquecimento do passado anterior aos industriais por parte dos entrevistados.

Assim, entende-se que a influência do jornal *O Tibagi* não se concentrou na disseminação de uma história sistemática sobre a região, porque não o fez. Suas ausências somadas aos enunciados sobre os mais diversos temas e assuntos, foram inventando um passado relacionando à região ao desenvolvimento industrial local. É por este motivo que nas entrevistas orais as menções à cidade de Tibagi ou ao passado regional demonstraram-se sem sentimento de filiação. Se, por ventura, as publicações feitas pelo periódico sobre a história anterior à industrialização tivessem um sentimento de pertencimento, e não fossem considerados principalmente acontecimentos curiosos dignos de nota pela peculiaridade que têm²⁵, talvez a “herança” sobre a história de Telêmaco Borba fosse outra.

As rememorações dos entrevistados, que – vale lembrar – permitem inferências sobre o coletivo, demonstraram que o conhecimento sobre a história de Monte Alegre/Telêmaco Borba foi produzido na direção de seu enunciatador – o jornal *O Tibagi*. Assim, se, como afirmou Orlandi (2003), fica o que significa, a ausência de familiaridade com o passado local e o regional evidencia os silêncios de *O Tibagi* para a formação de uma história contemporânea à indústria. Assim, é possível concluir que o hebdomadário foi eficaz na organização de um discurso fundador local, que continua sendo a “Cidade da Klabin”.

Referências

ALBERTI, V. 2010. Fontes orais – História dentro da história. In: C. PINSKY (org.), *Fontes Históricas*. São Paulo, Contexto, p. 155-202.

- ALBERTI, V. 2012. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 236 p.
- BARDIN, L. 2011. *Análise de Conteúdo*. São Paulo, Edições 70, 280 p.
- BOSI, E. 1994. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. São Paulo, Cia das Letras, 488 p.
- CENTRO DE MEMÓRIA DA KLABIN. [s.d.] *Histórico do Sr. Horácio Klabin*. Comunicação pessoal, em 13/03/2013.
- CORAIOLA, A.M.S. 2003. *Capital do Papel: a história do município de Telêmaco Borba*. Curitiba, A.M.S. Coraiola, 269 p.
- ENNE, A.L.S. 2004. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, 6(2):101-116.
- FAUSTO NETO, A. 2007. Contratos de leitura: entre regulações e deslocamentos. *Diálogos Possíveis - Revista da Faculdade Social da Bahia*, 6(2):7-27.
- FAUSTO NETO, A. 2006. Mutações nos Discursos Jornalísticos: Da ‘construção da realidade’ a ‘realidade da construção’. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXIX, Brasília, 2006. *Anais...* Brasília, DF, p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1804-1.pdf>. Acesso em: 17/05/2016.
- FERNANDES, H.V. 1960. “O Tibagi” 12 anos. *O Tibagi*, Monte Alegre, 22 nov., p. 2.
- FERNANDES, H.V. 1964. Crônica do dia 23. *O Tibagi*, Telêmaco Borba, 23 nov., p. 2.
- FERNANDES, H.V. 1974. *Monte Alegre - Capital do Papel*. Curitiba, [s.n.], 236 p.
- FONSECA JUNIOR, W.C. 2008. Análise de Conteúdo. In: J. DUARTE; A. BARROS, (orgs.), *Métodos e Técnicas de pesquisa em Comunicação*. São Paulo, Atlas, p. 280-304.
- FOSSÁ, M.I.T.; RIBEIRO, D.B. 2010. A produção de sentidos em discursos jornalísticos por meio de estratégias de imagem. *Revista Comunicação Midiática*, 5(1):61-75.
- LUHMANN, N. 2005. *A realidade dos meios de Comunicação*. São Paulo, Paulus, 200 p.
- MARENDA, J. 1949. Um ano vencido. *O Tibagi*, Monte Alegre, 23 nov., p. 1.
- MARENDA, J. 1951. Curiosidades sobre a imprensa tibagiana. *O Tibagi*, Monte Alegre, 23 nov., p. 1.
- NORA, P. 1993. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, (10):07-28.
- ORLANDI, E.P. 2012. *Análise de Discurso – Princípios & Procedimentos*. Campinas, Pontes Editores, 100 p.
- ORLANDI, E.P. 2008. *Terra à vista. Discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo, Editora Cortez, 288 p.

²⁵ O jornal *O Tibagi*, quando publicava algo relacionado à cidade de Tibagi ou ao passado local e regional anterior à chegada da Indústria Klabin, trazia em suas páginas somente histórias “curiosas”, como: o primeiro diamante encontrado naquelas paragens, um monge que vagava pela região e alguns casos de mesmo gênero. Para Orlandi (2008), existem momentos em que um discurso se faz passar por outro, ou seja, “apaga-se o discurso histórico e produz-se um discurso sobre a cultura. Com efeito deste apagamento, a cultura resulta num ‘exotismo’” (Orlandi, 2008, p. 21).

- ORLANDI, E.P. (org.). 2003. *Discurso Fundador – A formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, Pontes, 172 p.
- O TIBAGI. 1948a. Primeiro aniversário de “O Tibagi”. Monte Alegre, 23 nov., p. 1.
- O TIBAGI. 1948b. Cem por Cento, a Serviço da Coletividade. Monte Alegre, 23 nov., p. 1.
- O TIBAGI. 1949. Monte Alegre e os festejos de 15 de Novembro – Solenidades cívicas – Consagradora Homenagem ao dr. Horácio Klabin – Churrascadas – Inauguração do posto de reabastecimento “Esso”. Monte Alegre, 23 nov., p. 8.
- O TIBAGI. 1950. Edição comemorativa do 2º aniversário. Monte Alegre, 23 nov., p. 1.
- O TIBAGI. 1957. Tibagi não vai. Monte Alegre, 23 dez., p. 16.
- O TIBAGI. 1959. Primeiro Caderno. Monte Alegre, 23 nov., p. 2.
- POLLAK, M. 1992. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 5(10):200-212.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE TELÊMACO BORBA. 2017. Histórico. Disponível em: <http://www.telemacoborba.pr.gov.br/a-cidade/historico.html>. Acesso em: 26.09.2017.
- RÊGO, A.R. 2014. A ditadura militar no jornalismo: uma abordagem a partir do conceito de lugar de memória. *Revista Brasileira de História da Mídia*, 3(2):21-32.
- SGORLA, F.; FOSSÁ, M.I.T. 2008. Estratégias e operações de autorreferencialidade no Telejornalismo. *In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*, VI, São Paulo, 2008. *Anais...* São Paulo, SP, p. 340-362.
- SOUSA, J.P. 2002. Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*. 17 p. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>. Acesso em: 23/12/2016.
- SOUZA FILHO, P. de. 1950. O Tibagi. *O Tibagi*, Monte Alegre, 23 nov., p. 15.
- TEIXEIRA, J.O. 2014. Revisitando a Chaminé: História Oral e memórias operárias de Telêmaco Borba (PR). *In: Encontro Regional de História: 1791-1804*, XIV, Campo Mourão, 2014. *Anais...* Campo Mourão, PR, p. 1791-1804. Disponível em: <http://www.erh2014.pr.anpuh.org/anais/2014/244.pdf>. Acesso em: 23/12/2016.
- VIEIRA, A.F.B. 2015. *Análise do discurso fundador de Telêmaco Borba no jornal O Tibagi (1948-1964)*. Ponta Grossa, PR. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 360 p.

Fontes primárias

O Tibagi - Monte Alegre – Paraná - Edições nº 1, nº 52, nº 103, nº 154, nº 445, nº 540, nº 583 e nº 780.

Submetido: 20/07/2016

Aceito: 03/01/2017